

LOBO IBÉRICO (ESPÉCIE EM PERIGO)

Reflexões em prosa e poesia

Os lobos representam, mais do que qualquer outro animal, o lado selvagem e livre da vida que perdemos, e que actualmente procuramos recuperar com um afã que apenas aumenta a artificialidade do que alcançamos. São eles que nos fazem sentir e ver o caminho de que nos desviámos e de tudo o que de bom a vida tem e somos impotentes para recuperar. Talvez por isto se deva considerar uma nova causa de perseguição do lobo: a inveja. A inveja de não sermos capazes de recuperar a nossa identidade como seres livres e respeitados pela nossa sabedoria e bom senso.

Francisco Petrucci-Fonseca
Presidente do Grupo Lobo.



Lobo Ibérico (*Canis Lupus Signatus*) (*)

(*) - O lobo da Península Ibérica é uma sub-espécie do lobo cinzento, designando-se *Canis lupus signatus*. Mais pequeno e mais leve do que as restantes sub-espécies do lobo cinzento, *signatus* mede em média 70 cms no garrote e pesa entre 25 a 40 kg. Apresenta manchas avermelhadas por detrás das orelhas e outr topázio. Observar os lobos no seu habitat natural é raro. O número destes canídeos actualmente existente em liberdade no nosso país, é calculado em cerca de 300 e estima-se que vivam na Península Ibérica entre 1.500 e 2.000 lobos. Embora protegido por lei, o lobo é capturado e morto ilegalmente, verificando-se, inclusivamente, o abate de lobachos nas tocas. Isto resulta do ódio que o lobo desperta por ocasionalmente atacar os animais domésticos. O lobo é um animal inteligente e sociável e, "*como todos os outros de vida silvestre, tem o direito de existir no seu estado natural. Este direito não está, de modo nenhum, relacionado com o seu valor para a humanidade mas, pelo contrário, tem a sua origem no direito que todas as criaturas vivas têm de coexistir com o Homem, como parte integrante dos ecossistemas naturais*" (1º princípio do "*Manifesto and Guidelines on Wolf Conservation*", WSG-UICN). Este canídeo teme e evita o Homem e, ao contrário do que se julga, não é o lobo que constitui um perigo para os humanos, mas sim o contrário.

PARA ALÉM DO CERCADO

Reflexões do Sr. Robert Lyle (1920-2002?), um dos fundadores do CRLI e do Grupo Lobo



Costuma-se dizer que o nosso semelhante mais próximo no mundo animal é o chimpanzé. Geneticamente falando, talvez seja assim, mas socialmente e psicologicamente penso que estamos muito mais próximos do lobo. Talvez por esta razão, desde há centenas de anos, tenhamos disfrutado de uma relação de simbiose com o descendente do lobo, o cão doméstico. Talvez seja também uma das razões pelas quais tenhamos escolhido o lobo como nosso bode-espiatório, forçando-o a suportar a ferida do inaceitável - que são os elementos rejeitados da nossa psique - e perseguindo-o até ao limiar da extinção.

Mas aqui apenas se inclui a nossa neurose psíquica. É tempo para crescermos, para encontrarmos a coragem e a integridade de reconhecer - e abandonar - as nossas projecções. Não podemos ser indivíduos simultaneamente alienados e realizados. Ao longo dos anos, a observação e a companhia dos lobos ajudou-me a encontrar não só o lobo, mas também a mim próprio.

Como Loren Eiseley escreveu: "*um indivíduo não se encontra a si próprio enquanto não conseguir captar o reflexo de um olhar que não seja humano*". Tendo sido a sua relação específica com os humanos, desde longa data, tão desfavorável (embora não com todos os humanos), o lobo constitui uma espécie de desafio. Se conseguirmos cessar as nossas projecções e nos olharmos - e também ao lobo - com honestidade, poderá dar-se o início de uma nova redenção e o retorno do exílio dos seres do Éden que já fomos.



Em tempos recentes, muitas pessoas têm procurado conforto e até curas junto da companhia de orcas e golfinhos. Posso testemunhar da minha experiência que a companhia dos lobos também é terapêutica. Sendo mamíferos terrestres como nós, os lobos são, num todo e ao mesmo tempo, selvagens, ordeiros e introspectivamente calmos. Ao observá-los, estando com eles, a mente perturbada se ameniza e o coração inquieto encontra paz na margem das águas cristalinas do rio da vida.

Acredito que o propósito da nossa existência na Terra é *cada um ser o que é*, verdadeira função e direito fundamental de todos os seres vivos, sobre o qual deveria assentar toda a nossa moralidade e ética. No nosso caso, este imperativo quase que exige uma vida inteira dedicada a tornar-mo-nos o que somos, enquanto que os animais não têm de realizar essa jornada interior; eles já lá estão.

Sr. Robert Lyle, in *Lycoptos* (2000).

O OBSCURO REINO DO LOBO

Adalberto Alves, escritor e advogado

É dele a consistência do mistério: quem quer avistá-lo, possivelmente, nunca o verá. Encontrará apenas evanescentes pistas que se evaporam entre brejos e serranias. Depois, anos mais tarde, ao voltar ao mesmo sítio, sem igual intenção, numa noite qualquer, ouvirá, talvez o seu uivo musical, inquietante, profundo. Então outros lhe responderão numa sinfonia plangente evocadora dos tempos primeiros. O lobo, como que surgido do interior da terra, mostrar-se-á, finalmente, recortado sob a lua. E jamais poderão ser esquecidos aqueles olhos intensos, dourados e oblíquos que nos parecem ler e trespassar.

No dia seguinte, ao regressar a casa, um tal homem descobrirá no solo do trilho que percorrera que, afinal, os lobos sempre haviam andado perto dele sem no entanto denunciarem a sua presença...

O nobre lobo a tudo sobreviveu desde a aurora humana: ao aparecimento das armas de fogo, à caça aérea e ao sistemático envenenamento com estricnina.

Por receio, ele que era o senhor da planície refugiou-se na noite, em cerros e ravinas, evitando o dia. Valeu-lhe o excepcional discernimento, superior ao do cão, o faro ímpar, a resistência sem limites. Cem quilómetros num só dia não são demais para as suas patas elegantes como

juncos e tensas como cordas de aço.

Uma só coisa não pode o lobo contornar: a perda do habitat que o condena à fome.



Manchas e Clarinha, lobos do CRLI

Quem alguma vez estudou os costumes dos lobos e conviveu com eles, como me aconteceu, conhece a sua comovente solidariedade e a sua mímica expressiva. Mas sabe mais. Consta a inexplicável curiosidade e obscura atracção que o "Irmão Lobo", de que falava S. Francisco (lenda do lobo de Gubbio), sente pelo homem.

Dança com lobos, o belo filme de Costner, exemplifica eloquentemente esta empatia.

Não é difícil imaginar o homem primitivo, sentado à boca das cavernas e levado a compartilhar o seu parco repasto com esse enigmático ser, qual sombra o seguia e observava à distância, lançando-lhe as suas sobras. Dessa cumplicidade obscura nasceu a metamorfose do lobo no mais fiel dos amigos do homem, o cão.

A sociedade dos lobos, altamente hierarquizada e ritualizada, pode todavia aceitar o homem. Quem alguma vez conviveu com a alcateia, sabe da "afectividade" do lobo e do seu "psiquismo", no entanto, profundamente diferenciado de indivíduo para indivíduo. Tudo índice de uma elevada condição no reino animal.

Por isso, os mitos que sempre transportam no seio sementes da verdade, falam de Rómulo e Remo, fundadores de Roma, como nutridos pelo leite de uma loba maternal. Também Kipling, ao descrever no Livro da Selva o menino criado pelos lobos, dá voz a uma antiga tradição da sagesa da Índia.

A memória benigna da ligação do lobo ao homem veio a ser obliterada, até às modernas descobertas da etologia, por aquela maligna que foi fabricada, a partir da Idade Média, pelos utentes da caça organizada. Os lobos, como o urso e as aves de rapina, foram transformados em rivais responsáveis pela rarefacção das presas nas acções de montaria. Nesses tempos eram ainda desconhecidos quer os mecanismos da predação selectiva dos carnívoros, quer os nefastos efeitos nas espécies pela desflorestação sistemática para conquistar terrenos para a agricultura. Os pastores ajudaram à construção da lenda da besta feroz quando procuravam, de todos os modos, exterminar o lobo esfaimado que caía sobre o gado à míngua das habituais presas selvagens, por destruição do habitat.

O lobo foi mesmo efabulado o lado negro da nossa espécie quando nas noites de lua-cheia nos

convertíamos em lobisomens. Toda uma teia de medo enreda então a imaginação popular: o lobo ataca aldeias e espera as crianças no caminho da escola. O Capuchinho vermelho e o Lobo Mau instalaram-se no coração dos homens.

O lobo passa a ser um dos seres vivos mais escurraçados e perseguidos de toda a história. No século XV já estava praticamente extinto na Inglaterra, apesar de ainda subsistir na Escócia em meados do século XVIII, altura em que foi exterminado na Irlanda. Na Suíça e na França desapareceu virtualmente, desde meados do século XIX, apesar de episódicas referências durante o século XX. Na Alemanha o panorama é idêntico, pois só episodicamente é detectada a sua presença na Prússia oriental.

Portanto, no oeste europeu apenas em Portugal, Espanha e Itália subsistem núcleos capazes de possibilitarem a ténue esperança de possibilitarem a recuperação dos efectivos da espécie. Saberá o nosso país comportar-se à altura dessa imensa responsabilidade?

Para além dos lobos, talvez apenas certos antropóides conheçam uma organização social tão complexa e semelhante à do homem. A própria fidelidade e sociabilidade do cão para conosco têm a ver com padrões de comportamento herdados do lobo. Para o cão o dono é um ser dominante e a sua atitude de submissão, quando repreendido ou castigado, é a do lobo de posição hierarquicamente inferior que, de rojo, oferece ao lobo dominante o pescoço desprotegido como ritual de bloqueador da agressão.

A divisão de tarefas, nomeadamente na caça, o controlo da natalidade no interior da alcateia, e a solidariedade de todos os adultos na alimentação e protecção das crias, são algumas das mais fascinantes características da sociedade dos lobos. Jamais o prudente mas valente canídeo constituiu uma ameaça para o homem.

As providências de Carlos Magno e, séculos depois, de Francisco I acerca do exercício do cargo dos louvetiers é mero reflexo da imagem sobre o lobo criada na Idade Média e amplificada na Renascença. Quantas vezes na História os crimes de homens terão sido atribuído ao lobo? Como pode ser esquecido que ele foi o primeiro animal domesticado pelo homem?

Uma estória real ilustra esse terror antigo:

A família de meu pai é de S. Miguel de Fontoura, uma aldeia encravada entre matas e serranias rudes do Alto-Minho. Sempre foi terra de lobos. Ao transitar na minha infância nos carreiros que bordejavam os seus cerros agrestes, nunca me assaltou o temor. Um dia, já lá vão muitos anos, o meu primo Serafim, um tocador de banda e valentão de créditos firmados em zaragatas de arraial, regressava a casa de minha avó, ao cair da tarde, pela senda bravia que se despenha dos altos de S. Gabriel para o vale que um riacho divide. A contra luz avistou, banhados pelo sol coado do poente, dois enorme vultos entendidos no caminho. O Serafim, maravilhado pela sua imponência, disse para consigo - que lindos cães! - afrouxou o andamento da bicicleta e aproximou-se. Só quando se puseram de pé e lhes pode mirar os olhos inquisidores, de um mal oblíquo, como sois emoldurados por um farto pêlo, é que o Serafim percebeu que de lobos se tratava. Coberto de suores frios, guinou a bicicleta invertendo caminho e pedalando como um louco pela serra acima. Ao chegar a casa, ainda tremendo de emoção, as ânsias do medo deram-lhe para comer duas broas inteiras, de enfiada. Os lobos, esses, devem ter ficado onde estavam, mas o Serafim levou muito tempo até voltar a aventurar-se em tal senda.



Sândalo e Fosco, lobos do CRLI

O nosso secular subdesenvolvimento, como tudo na vida, teve o seu reverso. Deixou parado no tempo o interior permitindo salvar - por quanto tempo? - a sua mais preciosa relíquia natural, o lobo. Será que a sua sorte seguirá a do urso e a da cabra do Gerês que os nossos vindouros não conhecerão possivelmente senão dos livros?

O homem é um repositório de memória: quanto mais diversificada ele for mais ricos seremos já que nos definimos ontologicamente por referência a outras formas do ser. O lobo "é", no nosso imaginário ancestral. Se desaparecer, toda uma vivência colectiva se esvaia: ou o protegemos como um tesouro do património genético da natureza, possibilitando a reintrodução nas serranias do centro e do sul do país, ou nos resignamos que os nossos descendentes herdem uma terra onde pouco mais sobrarão do que ratos, mosquitos e eucaliptos. Para tanto, quem pode tem de assumir, a todo o custo, a protecção e o alargamento da floresta caducifólia, com o correspondente repovoamento da fauna tradicional, com o gamo, o corço ou o veado, devolvendo ao lobo muitos dos domínios que já foram seus. Só assim, e em sintonia com um empenhamento das populações, poderão as leis de protecção alcançar a sua finalidade: evitar que os nossos ecossistemas continuem a ser uma pálida amostra de uma Natureza que já foi bem mais rica e diversificada.

Talvez, então, possa um dia ser mais fácil escutar a sinfonia dos lobos e fitar o seu olhar de ouro.



"Na manhã do último domingo, um cesteiro, que se dirigia de Canavezes para o lugar de Casaes Novos, Concelho de Penafiel, teve o mau encontro com um maldito lobo, que o acometeu, chegando a rasgar-lhe a jaqueta [...] Falla-se em ser organizada uma forte montaria àquellas feras, verdadeiros flagelos para os lavradores que possuem rebanhos", O Século, 07.Fev.1884.

REQUIEM PELOS LOBOS

Casimiro de Brito, poeta e escritor

Talvez haja um ponto de ternura
na febre
que funde o metal
e desvia os rios. Um pouco
da sombra que circula
na pata seminal
dos últimos lobos.
Talvez apenas os cegos possam ver
a dor que depura os corpos
da memória:
o rio transparente, o azul
sob os pés das mulheres
e a beleza do lobo quando havia
lugar para todos.

CONTRA A NATUREZA

António Vitorino d'Almeida, maestro e escritor



Uma estranha relação contra natura (efectivamente “contra a natureza” ...) é aquela que une os ateus mais ferrenhos e convencidos dos seus argumentos, e os crentes que interpretam à letra tudo aquilo que venha escrito na Bíblia: trata-se da convicção de que o Homem é um ser à parte no Universo, senhor de infinitas potencialidades de perfeição, para os primeiros, criado à imagem e semelhança de Deus, para os devotos ...

Porque nunca alinhei em qualquer destas crenças e descrenças e me limito a admitir que, de facto, nada sei a tal respeito, considero que o Homem é parte de um Todo chamado Natureza – e parece-me absurdo (bastando-me para tal a escassa matemática que aprendi ...) que

alguém possa defender a tese de uma parte capaz de se sobrepor ao todo – isto para já não falarmos na presunçosa blasfémia de se considerar este grão de poeira na imensidade do Universo uma criatura semelhante à imagem do seu criador...

Parece-me, pelo que conheço da Natureza, que esta age sempre de acordo com princípios tendentes a preservar a vida, em todas as suas formas – e combate, se necessário, através do extermínio, quaisquer elementos perniciosos que ponham em causa um equilíbrio biológico e ecológico fundamental.

Pelo contrário, o Homem atenta a cada instante contra a Natureza, porquanto se convenceu de que é um ser superior e privilegiado, capaz de dominar todas as forças deste mundo, temendo apenas a Deus, quando é religioso, mas considerando-se, mesmo assim, gerado à imagem e semelhança do Altíssimo – logo, credor do respeito e da vassalagem de céu e terra!

Igualmente absurdas, em meu entender, são as convicções arrogantes dos chamados ateus, quando alinham com os crentes e os próprios fanáticos, na grotesca teoria de que a sociedade se deve organizar em torno dos interesses do Homem, único ser racional e pensante em todo o vasto e infinito cosmos... A Natureza deixa bem claro que nada existe, dentro da estrutura superior do mundo, que não tenha uma função específica e muito concreta: se os animais têm órgãos genitais, é porque estão aptos a reproduzir; se têm órgãos sensitivos, é porque estão aptos a sentir; se têm um aparelho digestivo, é porque estão aptos a digerir; se têm olhos é para poderem ver... Mas há quem considere que se têm cérebro, não é para pensarem, mas apenas para desenvolverem umas tantas acções instintivas ou neurovegetativas...



Sândalo, lobo do CRLI

Para mim, que não perfilho nenhuma dessas teorias religiosas ou anti-religiosas em louvor de uma figura admirável e incomparável chamada Homem, as pessoas, tal como os outros bichos, as plantas, a água, as pedras e tudo o mais que existe, fazem parte da Natureza e devem viver o mais possível de acordo com ela – sem se preocuparem, levadas por razões místicas ou filosóficas, com quem é mais inteligente, ou mais merecedor do direito à vida: uma vida que a Natureza aponta como infinita. Com efeito, o acto que se opõe, na ordem natural das coisas, ao acto de morrer, é o acto de nascer. Mas lá porque se nasce e se morre, nem por isso a Vida deixa de existir como valor supremo defendido pela Natureza.

Atentando contra a Natureza (seja contra uma espécie animal, caso dos lobos; seja contra as florestas do Amazonas ou, muito simplesmente, do Alto-Minho; seja contra a atmosfera que se respira; seja contra quaisquer outras formas de equilíbrio ecológico e biológico), o Homem

atenta contra a Vida e tal não lhe será autorizado!

Independentemente do trabalho indispensável e nunca demais louvável dos investigadores científicos, na busca de soluções para múltiplos problemas que afligem a sociedade humana, eu considero que o Homem só poderá evitar o seu extermínio no momento em que deixar ele próprio de ser um agente chacinador. E para que tal aconteça, haverá que mudar, em primeiro lugar, de mentalidade e de filosofia.

Na verdade, nós não prestamos nenhum favor aos lobos se deixarmos de liquidar a sua espécie; não se pode considerar um acto generoso da nossa parte impedirmos a destruição sistemática da flora e da fauna do nosso planeta, não se pode negociar em ternos de interesses económicos a abolição imediata de todos os agentes.



"À reclamação de alguns lavradores, foi autorizada pelo administrador deste concelho [Mértola] uma batida aos lobos [...] É de esperar que a batida seja muito concorrida pois que é o único meio de extinção destes bichos daninhos", O Século, 04.Out.1904.

REQUIEM PARA O LOBO CINZENTO

Lara de Lemos, poetisa



Longe, teu grito agoniado,
tuas mandíbulas agudas,
ameaçam homens assombrados
de cuidados e sustos ancestrais.

Pensam-te um animal feito
de chamas, de insânia, de voragem.
Surgido para o mal e destinado
a tudo destruir em sua passagem.

No entanto és um lobo solitário,
abrasado de ardências e de raios,
de dura vida e mesquinha sorte.

Certos dias, teus uivos fortes,
bravos, parecem gritos habitados
de pesada solidão e morte.

Os lobos de uma alcateia dominam territórios, que podem atingir centenas de quilómetros quadrados, onde encontram alimento e abrigo. Esta área depende essencialmente da quantidade de alimento e hábitos das presas. Para definir a fronteira urinam e dejectam em cima de pedras ou tufo de ervas nas bermas do caminho, deixando sinais de aviso para as alcateias ou lobos isolados que se aproximem. Marcam ainda caminhos no interior do território de modo a que qualquer elemento da alcateia saiba onde está, e quem foi o último a passar. Usam ainda os uivos para marcar a sua presença no interior do território. Cada indivíduo conhece bem os caminhos, refúgios, fontes e locais onde encontrar alimento. Para proteger o território é necessário percorrê-lo frequentemente e renovar as marcas territoriais.

Fonte: WWW.

HOMO HOMINI LUPUS

Antonino Solmer, encenador e actor



Técnica e civilização impuseram ao homem rotinas e obrigações que não só o desvirtuam enquanto ser animal como lhe impõem um descentramento psicológico e cognitivo, que responde ao presente imediato mas que se encontra incapacitado de, por exemplo, conceber a vida sem relógios, ou sem sabonetes, ou ...

Mesmo o homem da província ao pretender conseguir um nível de comodidades e de "luxos" que, na medida do possível, ultrapassem os da cidade, compensa supostamente uma memória envergonhada por maiores perigos, canseiras, sujidades ...

O homem exterminou, limpou, e acomodou-se. Domesticou tudo e domesticou-se. Muito poucos seriam os homens de hoje que perante a situação irremediável, vital, de enfrentar um lobo o conseguiriam fazer corajosa e convictamente pelos seus próprios meios, sem armas mecânicas, venenos ou armadilhas.

Menos seriam os capazes de saber fugir pela líbia convicção de não-intervenção, ou ainda os que, cientes do valor e dignidade do adversário, matando-o, experimentariam uma espécie de

sagrado sentimento de respeito e de perca.

Importa conhecer a história das nossas cobardias, da nossa própria domesticação e fragilidades para nos disponibilizarmos ao devir.

Salvar o nosso lobo faz parte dessa expiação e busca de equilíbrio.



"Próximo da povoação de Lamas, onde há um importante mercado quinzenal, dois lobos assaltaram um rebanho, matando algumas cabeças de gado e pondo em fuga a pobre mulher que guardava o rebanho", O Século, 25.Dez.1905.

O LOBO

José Alberto Gomes Machado, historiador de Arte



Está em vias de extinção, na Península Ibérica, um dos mais antigos e fecundos povoadores do nosso imaginário: o lobo. Tão celebrado este ano graças a Kevin Costner e aos seus óscares dançantes, o lobo real corre o risco de se juntar em breve, na memória colectiva, a outros animais míticos, como o unicórnio ou o dragão. Do Capuchinho Vermelho às histórias de lobisomens, das lendas medievais a Tomás da Fonseca e Aquilino Ribeiro, o lobo tem estado presente na nossa cultura, exercendo fascínio e temor. Perto do cão, longe do homem, tornou-se um símbolo ambivalente.

Predador, como o próprio homem, surge também como dador de vida e imagem evocadora do mistério da natureza. Rómulo e Remo, São Francisco de Assis e o Menino Selvagem, estiveram próximos do coração desse mistério.

Ao persegui-lo, encurralá-lo, extingui-lo, o homem actual despoja-se de uma parte importante de si mesmo e revela-se como o verdadeiro predador, que não hesita em ir destruindo, a pouco e pouco, o equilíbrio ecológico, numa falsa humanização do ambiente. Ao eliminar este velho e honrado inimigo, o homem extirpa também alguma coisa de si, privando de sentido,

muito da sua própria evolução.

Escreveu-se, durante muito tempo, que "o homem é o lobo do homem": honro lupus hominis. Ao assumir hoje, às claras, o papel de destruidor da Criação, o homem mostra a sua verdadeira face. Dizer que o homem se tornou num lobo é, em muitos aspectos, injusto para com o lobo. O homem é o homem do lobo, ou seja, o seu sistemático e encarniçado perseguidor, utilizando técnicas modernas para ajustar contas com medos antigos.

Nesta luta desigual, saudamos aquele que está antecipadamente vencido. Quando a vitória se transforma em massacre, só desonra e empobrece o vencedor.

PELOS LOBOS

Prof. Dr. Jorge Miranda, constitucionalista



Homo homini lupus - o homem é o lobo do homem.

Eis a célebre expressão de Hobbes no *Leviatã* para descrever o estado da natureza anterior à formação da sociedade política e para, a partir daí, erguer a sua justificação da monarquia absoluta.

Mas, muito mais do que o século XVII, a nossa época conheceu múltiplas concentrações de poder num homem só ou em grupos de homens, que se comportaram como lobos, tal como Hobbes os via.

Agora que os ditadores parecem ter sido vencidos, não será altura de reabilitar os lobos da natureza? Não será altura de ter consciência de que, com os lobos, é uma parte da natureza que desaparece? E a natureza não é indivisível?



"Perto de Moncorvo, entre Carviçães e Felgar, foi accommettido um passageiro por um bando de vinte lobos, valendo-lhe haver próximo um castanheiro para o qual subiu e onde esteve até de manhã. Os lobos ainda se pozeram a escavar em volta do castanheiro a ver se o derrubavam", O Combate, 24.Ago.1905.

OS LOBOS

Maria Teresa Horta, poetisa e jornalista

São os lobos
sempre
São os lobos

Nesta sede de desejo à minha volta
cercando-me de manso
pelas noites
caçando-me o medo à minha porta

São os lobos
confesso
São os lobos

Nos densos arvoredos das trevas
que se rasgam no corpo
e me devoram

Sempre que os lobos
à meia-noite
choram

HOMENS-LOBO

Fernando Girão, poeta e compositor



Ali estávamos nós, cara a cara finalmente, os nossos rostos não se distanciavam mais de dois palmos, os olhos postos nos olhos do outro, no meio de um silêncio total, só perturbado pelo cantar de algum pássaro, voando ao longe.

Olhavas para mim, como se quisesses dizer alguma coisa.

O âmbar habitual dos teus olhos parecia mudar de cor constantemente e, de repente, eu comecei a escutar palavras numa língua que nunca tinha ouvido mas que eram perfeitamente compreensíveis para mim.

Já tinha ouvido falado do lado racional dos Lobos e da sua inteligência.

Sabia mil histórias de casos estranhos passados com Lobos, desde o famoso Lobisomem à sua hipotética vinda de outro qualquer lugar. Ouvi mitos e histórias reais e mesmo assim não estava preparado para um encontro tão directo, tão verdadeiramente próximo.

As palavras, na tal língua estranha, começaram a formar conceitos, ideias que eu compreendia e apoiava.

Dei por mim a dizer coisas que não faziam sentido mas que eram respondidas, de forma às vezes clara, às vezes por parábolas.

Por mais que um certo receio me assaltasse, eu ali estava e não trocava esse momento por nada na vida.

Era uma coisa única, coisa de loucos, dirão alguns, mas exclusivamente minha e do meu "parceiro" Lobo. De mais ninguém.

Conversámos o que a mim me pareceram horas mas que, na realidade, foram só alguns minutos e, da mesma forma como apareceu, o Lobo sumiu sem que me apercebesse.

Durante anos, vivi com essa imagem gravada na memória e lembrava-me especialmente de "Ele" haver dito que assim como certos homens e mulheres se transformavam em Lobos, também alguns Lobos tinham o dom de adoptarem a forma de homens e mulheres, vivendo assim entre os humanos.

Andei com esses pensamentos, admitindo a hipótese de tudo não ter sido mais que um estranho sonho, até um dia, em que na poltrona ao lado da minha, numa sala de concertos, uma bela mulher, de olhos cor de amêndoa, sorriu para mim e disse-me algumas palavras na mesma língua na qual, uns anos atrás, me havia falado o Lobo.

POEMA FRATERNAL

Cândido José de Campos, poeta e escritor

Reconhecer no outro o que não sou
Descobrir na diferença o mesmo Eu
É nada querer em troca do que dou
Alegre receber o que me deu.



"Só se encontram duas soluções práticas e eficazes, aconselhadas pela tradição: uma delas será o envenenamento periódico dos restos, das rezes mortas pelas feras ou de animais sem valor económico [...]; a outra será criar licenças especiais de uso e porte de arma-caçadeira para pastores, a taxa modesta, com o direito dos mesmos usarem tais armas", Primeiro de Janeiro, 16.Abr.1953.

O SONHADOR

Rosa Dhebusnello, escritora



Ele era humano. Às vezes impotente face à vida. Às vezes calmo. Às vezes irado, e sua ira nem sempre era santa. Era um homem, com toda a humanidade que podia conter.

Muitas e calmas noites, quando ainda era um menino, ele sonhava com a floresta, com a lua e com os lobos cinzentos que viviam nas florestas, os quais o luar tornava prateados.

Ele sonhava acordado ou adormecido, e isso não fazia diferença.

A floresta era o grande reino das Árvores. Dentro destas, das raízes até à copa, escorria a seiva. Ele tentava imaginar onde poderia nascer esta seiva, e este enigma ocupava muitos de seus silêncios.

A lua era a Rainha do reino das Árvores, muito mais do que de outro qualquer lugar. Iluminava ou escondia-se. Prateava ou escurecia. E, mais do que a senhora do sono dos homens, era a Grande Dama dos animais da floresta, despertando-os e protegendo-os dos invasores humanos.

Quanto aos lobos, ele nunca pudera chegar a uma síntese ou símbolo, como quanto às árvores ou à lua. Talvez por estar ligado a eles de uma forma por demais intensa, ainda que inconsciente.

Ele muitas vezes se perguntava o que os lobos prateados faziam na floresta. Ou então para que serviam. É claro que as explicações corriqueiras a respeito dos hábitos da espécie não lhe satisfaziam, já que não eram exactamente o que procurava. E, assim, a apreensão da existência de um lobo sempre lhe fugia.

À medida que foi crescendo, todavia, ele passou a preocupar-se e sonhar com a floresta e os lobos ao luar somente enquanto dormia.

Então, enquanto dormia, ele era um deles. Prateado, livre, perfeito e forte. E enquanto era um lobo ele caminhava através da floresta conhecendo todos os caminhos. Conhecendo pelo cheiro, pelo sentimento, pelo ruído das vozes das árvores. Jamais se sentia perdido ou só, pois

ali fazia parte de seu mundo, e este dele próprio.

Durante o dia, ao lembrar-se dos sonhos nocturnos, ele às vezes até pensava em perguntar a algum analista o que poderia significar sonhar com lobos, sendo um deles. Mas nunca falara ou falaria, porque sabia que assim perderia o contacto com a sua alcateia.

Um dia, lendo o jornal da manhã, ele soube que a "sua" espécie estava morrendo, à luz do sol, pela mão de homens. Homens que provavelmente não deixavam seus lobos soltos à luz da lua. Homens que não sabiam fazer parte de nenhuma floresta.

Naquela noite, ao adormecer, ele encontrou-se, novamente, na floresta. Junto a seus iguais, caçando os pequeninos animais que nutriam sua natureza, e cuidando dos filhotes que faziam parte da alcateia. Seu pêlo nunca estivera tão forte e prateado, seu olfacto nunca fora tão apurado, e seu sentimento de integração e força tão pungentes.

Então, ao amanhecer, quando a relva ainda húmida coloria-se com os raios de Sol, ele caiu numa armadilha. E logo um tiro certo manchou o prateado de vermelho.

Seus olhos podiam ver seus companheiros fugindo e os homens se aproximando. Os homens não sabiam, mas a vida que lhe tiravam causava um estremecimento em toda a floresta.

E seu último olhar, para o homem que o abatera, chamou a atenção dos outros caçadores. Parecia humano.

ZOOLOGIA DO LOBO

Nuno Júdice, poeta e escritor



Dorme a pastora com o rebanho,
os cabelos soltos num leito de erva.

A escura noite a embala,
e o ruído fundo dos ribeiros,
quando de súbito tudo se cala.

Do alto monte o lobo desce
de olhos acesos como luzeiros.

A lua porém, que espreita,
sai das nuvens e tudo acende:
o rebanho em fuga, revolvida
a erva – e, na boca do lobo,
uma pastora de amor se rende.



"No sábado, no lugar de Gontães, freguesia de S. Miguel da Pena, quando os pastores Manuel de Figueiredo, de 68 anos, e Graciano Baptista, de 12, apascentavam uma vezeira de 90 cabeças de gado lanígero, foram atacados por três lobos que, apanhando-lhes uma ovelha, a devoraram à sua vista", Primeiro de Janeiro, 22.Mai.1951.

O LOBO E A SERRA

Gonçalo Ribeiro Teles, arquitecto paisagista



O lobo desenvolve-se conjuntamente com o pastor no neolítico. Na Península Ibérica a fertilização dos campos a semear fazia-se com o gado, ao contrário do que sucedia nas terras das lezírias do "Crescente Fértil", em que os solos profundos enriqueciam-se com o nateiro das cheias periódicas e com os dejectos humanos, dos porcos e das capoeiras.

Convivendo na mesma paisagem dos tempos da pedra polida com o javali, o mufião, o boi e o cavalo selvagem, a cabra, o veado e a corça, o urso, a raposa, o linco, o gato bravo, a lontra, o texugo, o coelho e a lebre, era a espécie que mais de perto acompanhava o deambular dos rebanhos, e portanto os percursos dos nómadas, e melhor conhecia o homem.

O lobo vivia nos matagais periodicamente queimados para permitir culturas e pastagens. Era um animal que se alimentava principalmente dos cadáveres abandonados e das vítimas capturadas aos rebanhos, especialmente as mais fracas e desprotegidas mas também das inúmeras espécies selvagens que pululavam nas matas e pântanos.

Com a chegada dos romanos e mais tarde dos mouros, a agricultura desenvolveu-se nas terras mais baixas e férteis dos vales onde surgiram as vilas, os casais, as obras de captação de água, cresceu a população.



Nas serras continuou a praticar-se a pastorícia primitiva de celtas e lusitanos, acantonados nos crastos, vivendo numa sociedade comunitária. Comunidades que continuaram a existir até aos nossos dias.

A silvo-pastorícia montanheira das serras do norte de Portugal continua a possibilitar o habitat indispensável à existência do lobo, apesar deste já não encontrar o manancial de pequenos mamíferos e corços que completavam a sua alimentação, tendo hoje, por vezes, a necessidade de ir até às lixeiras urbanas procurar alimentos como sucede em Bragança.

A florestação extensiva e indiscriminada a que se procedeu nas serras, o desaparecimento dos baldios, a diminuição da população serrana e dos rebanhos são as principais causas da decadência biológica e do desaparecimento do lobo.

É, no entanto, necessário refazer muitos dos agro-bio-sistemas tradicionais e um deles é das colectividades de montanha. É evidente que não é possível, nem desejável repetir todas as condições existentes há um século para que o lobo surgisse naturalmente, mas com um correcto ordenamento ecológico da paisagem, a recuperação de mamíferos da fauna autóctone e recriação do seu habitat, possibilitando ainda alguns meios artificiais de alimentação, será possível manter o lobo no seu teatro serrano.

Mas não é só o lobo que está em perigo. Com ele está toda a ocupação humana e a cultura própria de importantes áreas serranas do território nacional, sem as quais não existirão as belas paisagens nem o equilíbrio ecológico do espaço biofísico necessário à existência da espécie humana.

UIVO A REBATE

Eduardo Simões, matemata



Onor, lobo do CRLI

Eu roubo. Bem sei que roubo,
Mas cautela, não me domem.
Bendito o exemplo do Lobo
Que rouba um ladrão: o Homem.

Roubo sim, mas não o povo.
E roubar mais quem me dera,
Chamando a atenção de novo
Aos que me chamam de fera...

ANDAM LOBOS...

Fernando Dacosta, jornalista e escritor

ANDAM LOBOS NA NOSSA IMAGINAÇÃO

Os lobos das lendas têm muito pouco a ver com os lobos da realidade. Se no imaginário tradicional se assumem como seres inquietantes, encarnações do nefando e do oculto, da crueldade e do mistério, na vida não passam, porém, de seres devastados a extinguir de vez.

Os solstícios da neve despertam, com frequência, memórias, arrepios sobre eles. Nas culturas ruralizadas, paganizadas, caso da portuguesa, o inverno é o tempo do imperscrutável, do uivo, do cio, do satânico, das encruzilhadas desertas, das luas cheias, é o tempo do lobo.

Companheiro do homem quando ambos eram nómadas e se alimentavam da caça, o lobo passou a seu inimigo após, descoberta a agricultura e a pastorícia, ele se sedentarizar.

As igrejas, que precisam de corporizar o mal para o exorcizar, escolheram-no, impuseram-no depois símbolo do demónio. Fantasias muito estranhas envolveram-no a partir de então. Profetas do Antigo Testamento qualificaram-no mesmo de "abominável" e "sanguinário".

Ao dividirem os seres humanos em corpos e almas, desejos e espíritos, as religiões colaram no lobo a imagem da carnalidade, da concupiscência - temerosas, talvez, pelo facto de ele ser o

animal que, na escala evolutiva, mais rivaliza, pela sua inteligência, pelo seu comportamento, com o homem.

Há muito, na verdade, que os cientistas concluíram que o lobo é uma das espécies selvagens mais perfeitas que apareceram na Terra.



DEUSES E DEMÓNIOS

A literatura, a música, o folclore, a pintura, a escultura, a dança, os recitativos, as toadas, as superstições, os provérbios ("Em terra de lobos uiva-se com eles"), as histórias infantis (o Capuchinho Vermelho, o Lobo e o Cordeiro, por exemplo), juntam-se à procissão dos excomungadores e criam imagens delirantes, fantasmáticas a seu respeito, fazendo-os enviados ora de entidades divinas (a venerar), ora de forças malignas (a destruir).

O Lobo de Guy Maupassant (narrativa do duelo entre o Marquês d'Arville e um lobo branco), o Lobisomem do dramaturgo August Klicizberg (drama de uma jovem considerada neta de um lobisomem), Mongli, o menino lobo de Rudyard Kipling (aventura de uma criança criada por uma loba), o Lobo das Estepes de Herman Hesse (negação da dualidade homem-lobo), e Quando os lobos uivam, de Aquilino Ribeiro (quando os homens se tornam piores do que os lobos), são alguns romances-referência sobre este tema.

Roma, cujos fundadores Rómulo e Remo foram amamentados por uma loba, tornou-se a sua maior inimiga. O Vaticano fê-lo, com efeito, em séculos, em continentes, inimigo número um das almas pastoreadas.

A origem dos mitos que lhe são associados encontra-se nas "lupercais", festas de licenciosidade em honra do deus Luperco (que tinha a forma de homem-lobo). Quintilianos e Marco António foram seus sacerdotes, Júlio César tentou mesmo coroar-se rei numa lupercal. O Papa proibiu-as no século V.

O culto do lobo arreigou-se, aliás, mais profundamente nos povos, caso dos ibéricos, menos romanizados, isto é, nos que conservaram melhor as suas tradições e culturas.

MEU IRMÃO LOBO

As mitologias árabe (o lobo é a grande ameaça dos peregrinos), germânica (Odín, o deus supremo, está sentado entre dois lobos), celta (é um ser sagrado, guardião da alma dos mortos), indiana (é uma divindade sinistra), escandinava (o símbolo da caverna, do inferno), turca (as mulheres estéreis invocam-no para engravidar), são fortemente marcadas por ele.

A ambiguidade que assume projecta-o para além da realidade, faz com que o homem o imite - combatentes vestem-se com a sua pele, curandeiros fabricam unguentos e talismãs com pedaços do seu corpo, guerreiros bebem o seu sangue e comem, cruas, as suas vísceras, maneira de absorver-lhe a destreza física, o poder mágico.

A Idade Média crucifica-o definitivamente. Anátemas, batidas, perseguições, afastam-no do convívio, da piedade geral. Só S. Francisco de Assis, como os índios norte-americanos, lhe chamará irmão, o "meu irmão lobo".

A sociedade lupina é de uma organização tão completa, afirmam especialistas, que podemos, se melhor estudada, aprender com ela. O lobo constitui-se em famílias, as alcateias, marcadas por fortíssimos sentimentos de afeição entre si. As alcateias, que tinham em média seis e sete elementos (podiam chegar aos 15), diminuíram drasticamente entre nós devido à redução das áreas naturais de que necessitam para viver, e às perseguições movidas por pastores e camponeses.



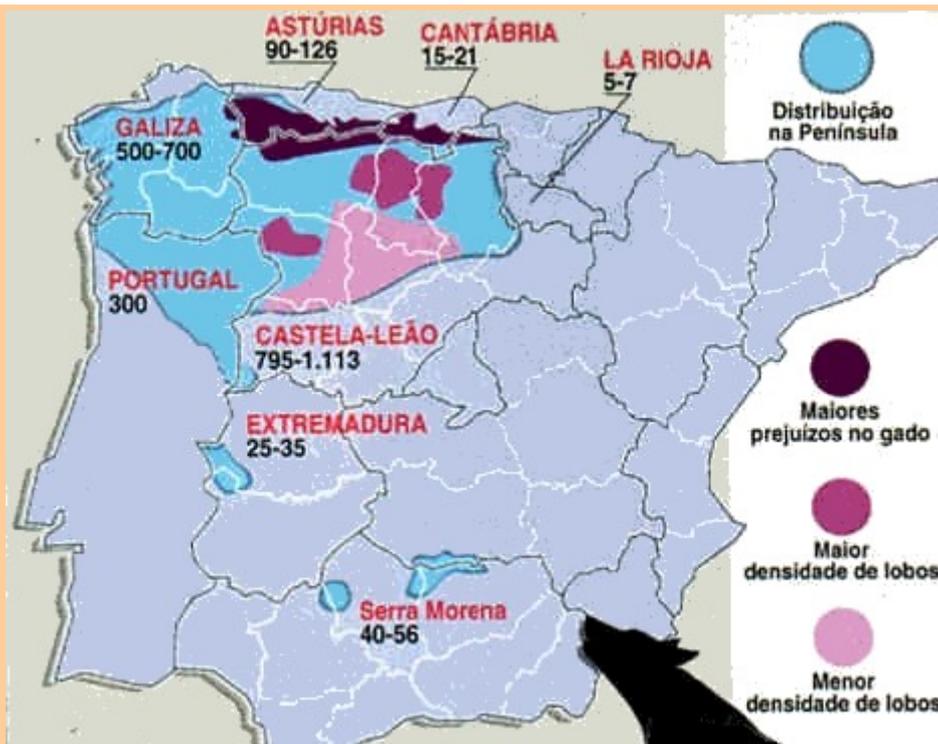
Morena, loba do CRLI

UIVOS E SÚPLICAS

Na Europa, ele está extinto na Grã-Bretanha, na França, na Alemanha, na Suíça e na Áustria.

Em Portugal sobrevivem isolados ou aos pares, pelas serras ainda arborizadas. Na Península desenvolveu-se uma subespécie (há 32) derivada do lobo cinzento (o lobo vermelho, em estado selvagem, extinguiu-se no mundo) designada Lobo Ibérico. Há esperanças, hoje, de ser possível salvá-la.

Em Portugal há cerca de 200 (*) e na Espanha cerca de 1.500, revela o Sr. Robert Lyle, inglês há anos radicado entre nós (**), um dos responsáveis pela reserva que o Grupo Lobo, associação cultural dedicada à sua preservação, construiu na zona da Malveira.



O território de cada alcateia é variável podendo, em países como o nosso, rondar os 50 quilómetros quadrados. Para demarcar as suas fronteiras utilizam urina e dejectos, que colocam de 300 em 300 metros sobre pedras e tufos. Também sinalizam, dentro dele, o percurso que fazem de modo aos outros elementos saberem onde encontrá-los. Chegam a andar dezenas de quilómetros por dia.

Mais sábio que o homem, o lobo controla com rigor a sua natalidade, só o chefe do grupo se acasala e reproduz (ou outro por ele, que ele indica) segundo as condições de vida e as necessidades de sobrevivência.

É preferível não existir a existir esfaimado, é preferível não viver a viver sem dignidade, sem orgulho, sem espaço - que o lobo é ser de dignidade, de orgulho, de espaço.

Será mais fácil destruí-lo fisicamente do que miticamente. O mundo da nossa imaginação é mais forte do que o do seu habitat.

Pela primeira vez na história, a sua sobrevivência depende exclusivamente do homem. Cabe-nos mostrar se somos de facto melhores do que ele.

O seu uivo é uma súplica.

In Público, Fim de Semana. Lisboa, 27/12/1992.6.

(*) - Segundo Manuel A. M. Nunes, "(...) ao contrário do que se verifica em Espanha, onde o lobo ibérico se distribui por uma área de cerca de 100.000 km² (aproximadamente um quinto do país), em Portugal o lobo apresenta uma distribuição consideravelmente mais reduzida e localizada, ocupando uma área estimada em cerca de 20.000 km². Em Portugal, a população lupina encontra-se dividida em dois núcleos distintos separados entre si pelo rio Douro, estimando-se que a totalidade da população de lobos ronde os 300 indivíduos. A grande parte da população de lobos portuguesa encontra-se a norte do rio Douro (cerca de 50 alcateias) associada, na sua quase totalidade, a sistemas montanhosos de paisagens semi-selvagens e pouco humanizadas. A sua distribuição abarca parte importante dos distritos do Noroeste português (Viana do Castelo e Braga), uma pequena franja do distrito do Porto na confluência do sistema montanhoso Marão-Alvão, e a quase totalidade dos distritos Nordesteiros: Vila Real e Bragança".

(**) - O Sr. Robert Lyle, um dos fundadores do CRLI e do Grupo Lobo, é autor do livro "Lycoptos: a comparative study of the ways of iberian wolves in three captive packs", bem como de numerosos artigos sobre o lobo ibérico.



"Quando era pequena, ainda andava ao colo, quase fui comida por um [lobo]. Eu não me lembro disso, foi a minha mãe que contou. Andava ela de volta das ovelhas e eu dormia, embrulhada em cobertores, na erva. O lobo aparece e vem direitinho a mim. Se ela não me agarrasse, tinha ido desta para melhor", in Notícias Magazine, JN (1996).

OS LOBOS

Eduardo Olímpio, poeta e escritor



Sândalo, Manchas e Morena, lobos do CRLI

Na barriga da noite uivam os cães
e há sustos escondidos no montado.
Anda lá fora alguém:
almas penadas, minha mãe, estou assustado.

Já há luz na cabana do pastor,
ovelhas inquietas no redil.
Se são os lobos, minha mãe, se são os lobos?
Se são, são mais de mil.

São os lobos, minha mãe, tenho a certeza,
são os lobos a uivar na noite calma.
São os lobos que nos secam, nos devoram:
São os lobos da alma!

E a felicidade, se existe, deve ser muito parecida
com aquelas caminhadas que fazíamos campo fora, livres como dois lobos.

Os membros da alcateia exercem uma patrulha constante e comunicam entre si por meio de um vasto "vocabulário" de uivos, latidos e outros sons. Estes sons são tão diferenciados que alguns esquimós afirmam serem capazes de reconhecer os que anunciam uma migração de renas. Uivam quando querem informar os companheiros sobre a sua posição, reunir elementos da alcateia, chamar os lobitos, em momentos que antecedem uma caçada ou então simplesmente por prazer e para consolidar laços que os unem. A posição das orelhas, o ângulo da cauda e a posição dos dentes exibidos são muito importantes na vida da alcateia. O lobo alfa é o único lobo que se permite manter a cauda acima do nível do dorso e qualquer outro que ousa sacudir a cauda, em posição levantada, é tratado como um competidor pela liderança

TODA A VIDA É SAGRADA

Germain Fourneron, amigo dos lobos

Chante mon ami...

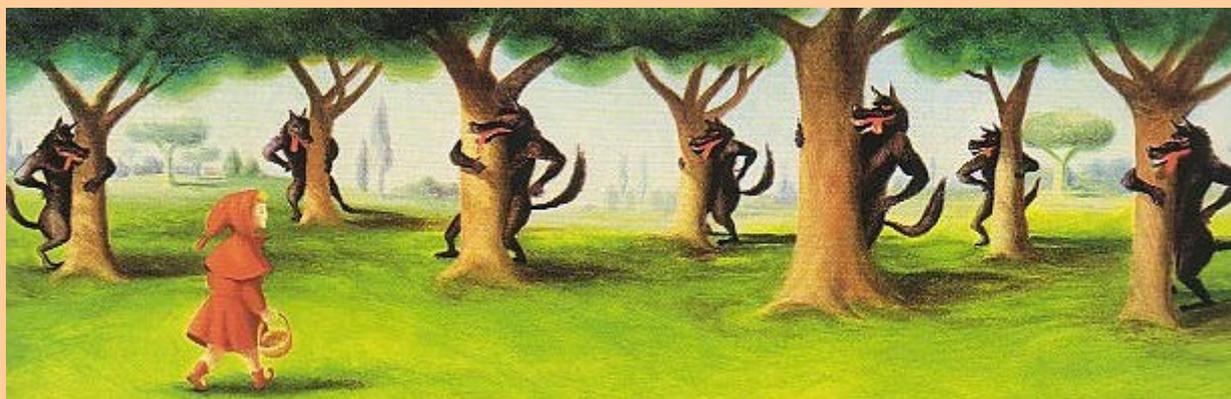
Chante Loup mon ami,
Chante encore, chante toujours,
Et que ton chant soit amplifié par l'écho et le vent
Aux quatre horizons, jusqu'au bout de la terre
En espérant que tous les hommes de bonne volonté
L'entendent et le comprennent enfin
Car il est le chant le plus pur.

Il représente l'amour, la sagesse et le respect
Il est le chant de la vie sur terre
Ne plus l'entendre, c'est vouloir la fin de notre monde.

Se eu tenho lobos, é para os dar a conhecer. Desde há séculos, fizé-mo-los passar por coisas do diabo, e isso ainda se passa nos dias de hoje. Na verdade, o lobo é um dos animais mais pacíficos. E a prova é que, na natureza, ele é tão discreto e despercebido, que nem se quer o vemos. Como então aceitar a sua lenda assustadora, porquê acreditar? O lobo, que belo animal, tanto interior como exteriormente. Quanto à sua inteligência, ao seu modo de vida, é preciso ver... Apesar de no cativeiro ele ter de se submeter à vontade humana, subsiste ainda a hierarquia da alcateia, o respeito pelos membros do grupo e o amor pelos seus lobachos. O meu objectivo é dar a conhecer o lobo, para acabarem os receios e para o respeitarmos no seu meio natural.

HISTÓRIA DO HOMEM-MAU

Ricardo Carvalho



**Se a mãe-loba soubesse contar estórias,
a mais assombrosa de todas seria, certamente,
a *História do Homem-Mau* (*)**

História infame, manchada de sangue, onde abundam preconceitos, perseguições, armadilhas dolorosas, venenos, rajadas de balas, traições, e outras tantas devastações...

O seres humanos, prodigiosos e nefastos predadores do planeta, com a sua vontade de poder (necessidade vital que o homem tem de lançar-se compulsivamente sobre os demais objectos da natureza e sobre o resto da sociedade visando o seu domínio), subverteram toda a lógica dos ecossistemas naturais e, com isso, a sua própria natureza.

O extermínio massivo dos lobos, em geral, e dos lobos ibéricos, em particular (a extinção de

nobres animais peninsulares faz sempre lembrar o majestoso lince ibérico, caso hoje quase irreversível), representa, em última instância, o paradigma da incapacidade do Homem para viver em harmonia com o seu próprio meio ambiente.

Embora nos custe muito a admitir, a destruição de um animal tão nobre e sereno quanto o lobo é somente o maior dos fracassos do Homem.

(*) - Na realidade, os lobos não falam como os humanos; somente uivam, rosnam, latem ou emitem outros sons. Mas respondem - magia sublime -, com os seus próprios uivos melodiosos, aos chamamentos, também feitos sob forma de uivo, dos humanos. É como se tentassem comunicar conosco, supõe-se que para pedir o nosso auxílio, à espera de alguma compaixão. Somente alguns humanos - pouquíssimos no planeta - falam e compreendem essa linguagem única dos lobos.

LOBO IBÉRICO (ESPÉCIE EM PERIGO)

Conhecer para preservar



Existem várias subespécies de lobo, entre as quais o lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*), que vive na Península Ibérica. O lobo encontrava-se em todo o Paleártico e ainda na América do Norte, existindo hoje apenas populações fragmentadas e dispersas. Vivem em vários tipos de habitat, desde a tundra aos matagais abertos do sul da sua área de distribuição. É o maior dos canídeos. A pelagem é acinzentada, o corpo é robusto e o animal possui uma grande resistência. Têm menores dimensões a sul da sua área de distribuição. Alimentam-se de roedores, coelhos, lebres, aves, castores, javalis, veados, cabras-montesas, renas, alces e ainda animais domésticos, lixo e cadáveres. São animais muito sociáveis que geralmente vivem em grupos de 5-8 indivíduos (denominados alcateias), nos quais existe uma organização hierárquica bem definida. As alcateias são dominadas por um casal reprodutor,

denominado casal "alfa", sendo geralmente os restantes membros da alcateia os descendentes adultos desse casal. As alcateias são maiores em locais onde abundem presas de grandes dimensões. Os uivos são vocalizações típicas destes animais, cuja função é a reunião da alcateia. Fazem tocas entre as raízes das árvores, debaixo de rochas ou em grutas. A reprodução decorre de Fevereiro-Abril e o período de gestação é de 61-63 dias, após os quais (em Março-Maio) nascem 4-7 crias, que são amamentadas por 7-9 semanas e atingem a maturidade sexual por volta dos dois anos de idade. As crias recebem cuidados extremos, quer dos progenitores quer dos restantes membros da alcateia. Estatuto de conservação e factores de ameaça: Devido à perseguição movida pelo Homem originada pela sua má reputação de predadores do gado doméstico e do próprio Homem e ainda para o comércio de peles, o lobo desapareceu de muitas zonas da sua anteriormente extensa área de distribuição. Já não se encontra no Oeste da Europa, excepto pela presença de pequenas populações na Escandinávia, na Península Ibérica, na ex-Jugoslávia, na Grécia e na Roménia. O lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*) é uma subespécie muito ameaçada, estimando-se existirem ainda cerca de 1500-2000 indivíduos, 200-300 dos quais no Norte de Portugal..



Book of the Hunt, Gaston Phoebus, 15th Century, Bibliothèque Nationale de France.



Saudades do lobo Julião - Para salvar a vida de um lobo preso numa armadilha, um homem dormiu junto dele durante um fim-de-semana, até que os biólogos apareceram. Gilberto Tomás recorda aqui essa amizade.

"Vou contar uma história de amor entre um homem e um lobo. Às portas do terceiro milénio, quando os lobos já quase só existem na memória dos homens e em alguns pedaços recônditos e montanhosos de Portugal, registámos uma história passada entre o presidente da Junta de S. Julião dos Palácios e um belo lobo que ficou conhecido, até à morte (recentíssima, infelizmente), por Julião. Gilberto Tomás é natural de S. Julião dos Palácios. Transmontano, quarentão, sempre viveu a natureza com naturalidade. "É como o ar que respiramos", diz. Na altura de começar a trabalhar para si, para ter família, casa e alimento, arranjou emprego na Direcção Regional de Agricultura. Um emprego que lhe calhava a matar: trabalhar na natureza, para melhor a defender. Gilberto é um homenzarrão, bigode e cabelo farto, mas já com fios de prata. "A vida é dura!", esclarece. As mãos, quando dá uma saudação, parecem tenazes. Mas os olhos e o sorriso límpido demonstram logo que naquele corpão está uma alma boa. Entre dois ou três copos de vinho da sua lavra (cor de rubi, bem apaladado e casando-se como nenhum outro com o presunto de meia cura que nos pôs à frente), lá nos conta a história de Julião. "Pois que habera de fazer, se non acudir-lhe!?" Era uma sexta-feira à tarde.

A ciranda dos homens no café era razoável. Gilberto conta: "Conversa daqui, dali e comecei a dar conta que estavam a murmurar qualquer coisa de um lobo apanhado numa armadilha para um javardo, num baceiro a uns quilómetros da aldeia, em pleno Alto da Lombada. Acabei por tirar a limpo que era bem verdade. E logo avancei para o tal lameiro, para ver o que se passava. Quando por lá cheguei, vi o lobo, deitado no chão, com o pescoço preso na armadilha, que era um laço de correr. Aquele era um laço para veados ou javalis, que acabam por morrer se puxam. Mas o lobo, esse, é esperto e sabe que, se puxar, morre. Quando olhou para mim, tive logo pena dele." Gilberto tentou fazer alguns telefonemas para que alguém com responsabilidades pela sobrevivência dos lobos viesse em seu auxílio. "Mas não era tal o azar que era sexta-feira à tarde e toda a gente já tinha andado para suas casas? Para evitar que me matassem o lobo, fui buscar umas mantas e abrigos e decidi dormir ao pé do lobo. E por lá estive dois dias, até que na segunda-feira apareceram os técnicos do parque que receberam o aviso." Medo? "Qual quê! Olhe que o lobo até me deixava fazer festa no lombo, mas longe da cabeça. Porque para ali é que é a zona de morte e, por isso, tentam morder." Este amor pelo lobo Julião foi reconhecido pelo PNM e "quando aqui passou o Presidente da República até me deu um abraço". Julião, já na mão dos técnicos, foi anestesiado, medido, pesado, estudado, fotografado e levou uma coleira com uma baliza "Argus", que através de satélite ajudou os técnicos a estudar os seus hábitos. Mas esta bonita história de amor acaba mal. Muito recentemente, Julião foi encontrado morto em Espanha, tudo indicando que por motivos naturais. Hoje, jaz no frigorífico do PNM, para ser estudado de novo e se saber com rigor da causa mortis. Gilberto, esse, recorda Julião com saudade e conta e reconta a sua história para dar um bom exemplo aos que dizem que os lobos são "malignos" e que "se deve dar-lhe cabo até ao fim". Onde está o reconhecimento oficial deste amor pela natureza"?

Diário de Notícias, 20.Out.1999.



Durante décadas, os vizinhos humanos do lobo ibérico juntaram esforços para eliminar qualquer representante da espécie, então entendido como fonte segura de prejuízos para pastores e criadores de gado. Estas matanças, que se prolongaram durante muitos anos, com especial destaque nas zonas de Bragança e Vila Real, colocaram o lobo ibérico à beira da extinção. Com uma taxa de sucesso de caça a rondar os 7%, esta espécie alimenta-se

basicamente de presas domésticas, mas só porque o homem lhe tirou as presas naturais, como os carvídeos (renas, veados, etc). O lobo ataca somente as presas mais indefesas. No caso das ovelhas, por exemplo, as vítimas serão apenas uma ou duas, entre as fêmeas prenhes ou os machos mais velhos e doentes. Quanto às notícias esporádicas sobre ataques a rebanhos inteiros, diz-se que são efectuados por matilhas de cães selvagens (cães assilvestrados ou híbridos cão-lobo), cujo comportamento e hierarquia podem ser semelhantes aos dos lobos. O lobo mata para comer.

Fonte: WWW.



Quando (também) os biólogos uivam...

"O uivo soltou-se da garganta. Cortou os ares, repercutiu-se pelas quebradas da serra e foi morrer lá longe. Só o silêncio respondeu. O biólogo voltou a uivar. Resposta, nenhuma. Mas não desistiu. As informações recolhidas junto da população do parque apontavam para a existência de uma alcateia por aqueles sítios. De novo, Luís Miguel Moreira afina a garganta. Não muito longe, os lobachos respondem. Os adultos por certo andavam a caçar e os lobinhos responderam ao uivo do biólogo julgando serem os pais. Esta é uma das muitas peripécias por que os técnicos do PNM passam na altura de fazer a contagem dos lobos, essencial para se conseguir uma boa gestão, com vista à preservação desta espécie que está fortemente ameaçada de extinção. A contagem conclui-se com um número que é sempre por aproximação, porque é difícil observar as alcateias. Por isso, a ingenuidade dos lobachos é que acaba por dar sinal da alcateia. Cada alcateia é composta por um lobo, o macho dominante, uma fêmea reprodutora, dois adultos de uma ou duas gerações anteriores e três ou quatro lobachos. Hoje, a população de lobos no PNM parece estar estabilizada, apontando para cerca de 200 exemplares".

Diário de Notícias, 10.Out.1999.

MEDIDAS PARA A PRESERVAÇÃO

Linhas de acção para a conservação do lobo



A imagem do lobo, de animal feroz e agressivo, que passa de geração em geração, é falsa. Esta deve-se ao facto do lobo ser predador (animal que necessita de matar animais mais fracos para se alimentar). Estudos feitos comprovam que, de um modo geral, os lobos são amigáveis, gostam de estar juntos e mostram afeição mútua. Gostam de brincar, são inteligentes e disciplinados. São animais sociais, vivem em grupos - as alcateias. Numa alcateia existe uma hierarquia social bem definida. A chefia é compartilhada por um macho e uma fêmea reprodutores (os alfas), a quem estão subordinados os animais de escalões inferiores (betas e gamas). No fundo da escala há um lobo solitário (o ómega), constantemente repellido, mas, apesar de tudo, tolerado sem ser expulso em definitivo. Todas estas diferenças hierárquicas se evidenciam claramente por movimentos, atitudes e posições das caudas e orelhas quando os lobos se encontram.

Fonte: WWW.

LEGISLAÇÃO DE PROTECÇÃO

Legislação portuguesa, convenções internacionais e plano de acção



Lobo em sofrimento capturado num laço. Estes laços, cujo uso é ilegal e não selectivo, por vezes capturam espécies protegidas.

O lobo possui o estatuto de **espécie animal vulnerável** segundo a "*IUCN Red List of Threatened Animals*" (1990), da *União Internacional para a Conservação da Natureza* (UICN), e também a "*Lista Roja de los Vertebrados de España*" (1986), do *Instituto de Conservação da Natureza Espanhol* (ICONA), e ainda o estatuto de **espécie em perigo de extinção** de acordo com o "*Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*" (SNPRCN, 1990).

O lobo encontra-se ainda incluído nas espécies constantes do anexo II da *Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies de Fauna e Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção* (CITES) e do Anexo II da *Convenção Relativa à Conservação da Vida selvagem e dos Habitats Naturais da Europa* (Convenção de Berna).

Em Portugal, o Decreto-Lei nº 139/90 (*) confere protecção especial ao lobo ibérico (*canis lupus signatus*), sendo proibido o seu abate ou captura, a destruição de habitats e/ou a sua perturbação, em especial durante os períodos de reprodução e dependência.

Apesar de tudo, e em pleno desrespeito pelas legislações nacionais e tratados assumidos internacionalmente, os lobos da península ibérica, especialmente em Espanha, continuam a ser vítimas frequentes da caça furtiva, de armadilhas, de venenos e de perseguições injustificadas (**).



Caçadores de lobos posam para a fotografia com os "troféus" a seus pés.

(**) - Os lobos, que vivem relativamente seguros do lado português junto à fronteira, ao passarem para o lado espanhol, concretamente para a Galiza e Zamora, são perseguidos e mortos indiscriminadamente. As autoridades espanholas, tanto regionais como nacionais, desinteressadas e negligentes, no melhor dos casos, limitam-se a legislar e não fiscalizam. Por vezes, até promovem leilão das peças de caça por quantias que ascendem a 7.000 Euros por indivíduo, como acontece com a Junta de Castela e Leão. Estas mesmas autoridades, negam-se a pagar indemnizações aos criadores de gado prejudicados por ataques de lobos, o que tem permitido que nenhum caçador furtivo, apesar das leis de protecção vigentes, jamais tenha sido multado (cerca de 70% das mortes de lobos em Espanha devem-se à caça furtiva).



Denuncian a la Junta por la caza del lobo

"La Asociación Nacional para la Protección y el Bienestar de los Animales (ANPBA) ha interpuesto una denuncia administrativa ante la comisaría europea de Medio Ambiente, Margot Wallström, contra la Junta de Castilla y León. ANPBA ha presentado la denuncia contra la Junta por autorizar batidas de lobos al sur del río Duero, tanto a través de su anterior director de Medio Natural, Pedro Llorente, como del actual, Mariano Torre, en las comarca zamorana de Sayago y, más recientemente, en Ávila".

NorteCastilla.es, 27.Dez.02.



Palencia: Descubren a un guarda de Cervera trampas furtivas para cazar lobos. El furtivo fue sorprendido con 28 lazos metálicos y un hacha para colocarlos.



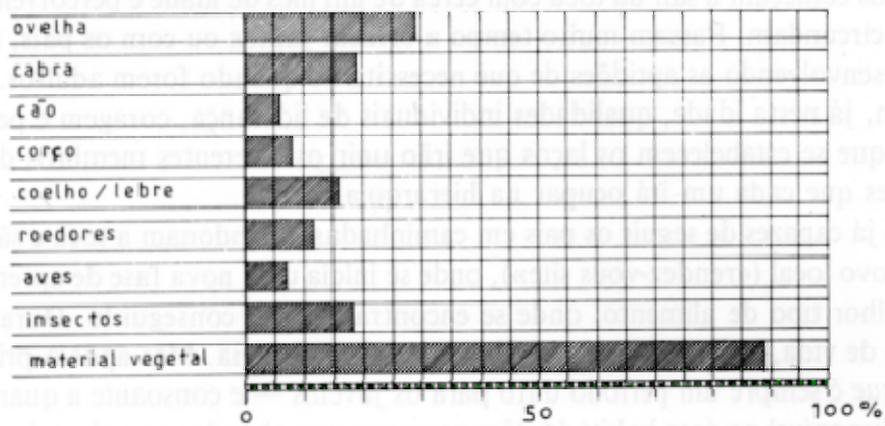
"La Benemérita localizó en el paraje de La Robla un cebadero metálico con cuerpos desplumados de aves, lo que hace presumir que el objetivo era la caza del lobo ibérico. La Guardia Civil ha descubierto en el término municipal de Cervera de Pisuerga un cazadero furtivo de un vecino de la localidad que ha sido denunciado ante la Junta de Castilla y León para que se inicie el expediente administrativo correspondiente. Después de varios días de largo servicio de apostadero en una zona del paraje La Robla, de Cervera de Pisuerga, en la que se habían descubierto diversos lazos metálicos para la caza furtiva de especies cinegéticas de caza mayor, efectivos del Seprona de la Guardia Civil de Barruelo de Santullán sorprendieron a un vecino de esta localidad cuando cebaba con trigo un área abierto de roble bajo. Se trata de C.A.Y., de 40 años de edad, al que se le sorprendió revisando varios lazos colocados en la misma, que previamente habían sido inutilizados por los miembros de la Guardia Civil para evitar daños a las posibles presas. Asimismo, esta persona se disponía a colocar otras 14 trampas que portaba en ese momento. La zona en la que se llevaba a cabo la caza furtiva se encuentra enclavada en un monte de utilidad pública de la Junta Vecinal de Vado, dentro de un coto privado de caza, en el que el denunciado ejercía además labores de guarda particular de campo y guarda de caza. PRESAS. Tras un detenido reconocimiento e inspección de la zona se localizaron 14 lazos de cable metálico, colocados en forma de círculo en una superficie de 700 metros, alrededor de un cebadero de estructura metálica en forma de malla, en cuyo interior había despieces y cuerpos de aves de granja y restos óseos y cárnicos en estado de semidescomposición. Esta circunstancia hace presumir que el principal objetivo de este individuo era la captura de lobos ibéricos, si bien el tipo de artes utilizadas sin una trampa para todo tipo de fauna, tales como zorro, jabalí, ciervos y corzos, entre otros. De igual forma, a unos 800 metros de la zona de colocación de los lazos, en un área de arbolado de robles fue descubierta una pequeña charca artificial de gasoil, posiblemente utilizada para la caza a la espera de especies cinegéticas que acudían allí para desparasitarse con el combustible. Los hechos han sido puestos en conocimiento de la Delegación Territorial de la Junta de Castilla y León en Palencia, a cuya disposición han quedado las trampas intervenidas"

J. Cancho, Palencia, 09.Nov.02.

O lobo é um carnívoro, isto é, alimenta-se de carne. Serve-lhe de alimento, na zona norte da sua área de distribuição, alces e renas, no inverno, lebres e roedores, no verão. Nas áreas mais a sul predam veados, corços, castores, lebres, coelhos e roedores. Os caninos crescidos e afiados do lobo servem para morder e dilacerar a carne, enquanto que os molares e pré-molares se adaptaram para cortar, em vez de moer. Quando o habitat do lobo se encontra numa zona em que não existe as presas naturais, dada a ação do homem, o lobo vê-se obrigado a consumir animais domésticos como cavalos, vacas, ovelhas, cabras ou até mesmo cães de modo a poder assegurar a sua sobrevivência. Ao contrário do que as lendas rezam, os humanos não fazem parte da sua dieta.

Fonte: WWW.

Resultado de um estudo dos hábitos alimentares do lobo, no distrito de Bragança (Nov. 77 a Dez. 78)



VOTRE MERE
A-T-ELLE
UN MANTEAU
DE FOURRURE?



CONHECER (PARA PRESERVAR) OS LOBOS

A apenas 40 km de Lisboa, na Malveira, pode observar os lobos no seu meio natural (e também pode adoptar um lobo)



O **Centro de Recuperação do Lobo Ibérico (CRLI)**, foi criado em 1987 com o objectivo de providenciar um ambiente, em cativeiro, adequado para lobos que não possam viver em liberdade. O CRLI ocupa 17 hectares de terreno, num arborizado e isolado vale. Este espaço caracteriza-se por uma boa cobertura vegetal e topografia heterogénea, proporcionando aos lobos residentes bons abrigos e condições de refúgio. Actualmente existem onze cercados no Centro, que ocupam uma área total de 4,49 hectares. Os lobos podem ser observados em condições únicas, das torres de observação, situadas em pontos estratégicos, com uma vasta vista para diferentes cercados. Ao mesmo tempo que o CRLI providencia os melhores cuidados aos lobos, proporciona a realização de estudos, sobretudo na área do comportamento social que, associados à investigação realizada na Natureza pelo Grupo Lobo, servem de base para uma campanha de divulgação, que procura informar o público sobre a verdadeira natureza do lobo. O CRLI possui um programa de voluntariado acessível às pessoas maiores de 18 anos e interessadas na conservação da vida selvagem. Este programa permite a participação nas actividades diárias, incluindo a alimentação dos animais e a manutenção de toda a área do Centro. As condições para integrar este programa estão disponíveis junto do responsável do CRLI.

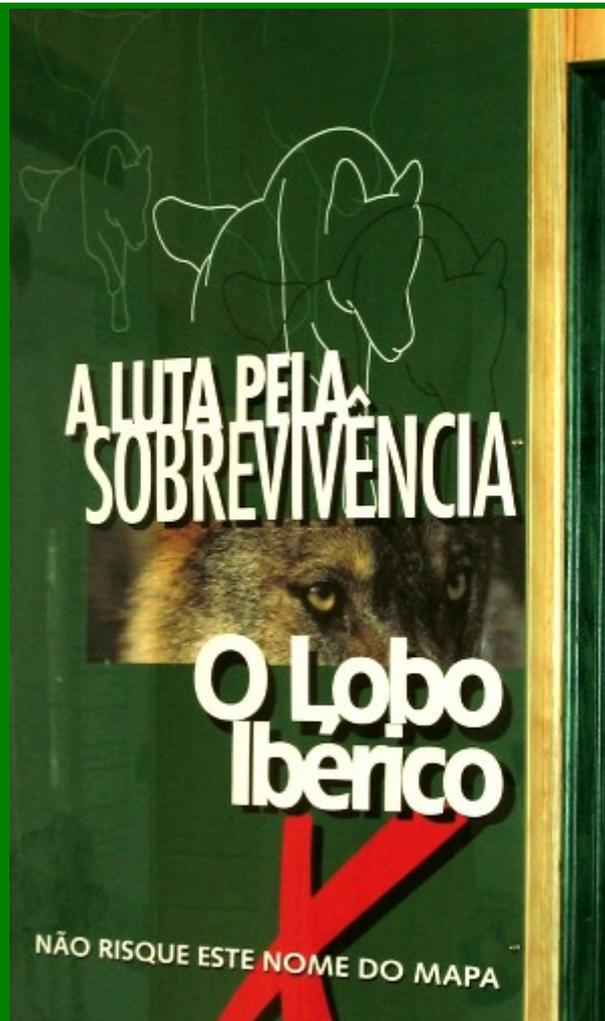
O endereço do CRLI é o seguinte:

Centro de Recuperação do Lobo Ibérico

Apartado 61, 2665 Malveira

Telefone e Fax: (+351) 261 785 037

WWW: <http://lobo.fc.ul.pt>



A unidade básica de caça e defesa dos lobos é a alcateia, um agrupamento familiar composto por pai, mãe, crias e, geralmente, outros parentes, num total de cerca de dez ou mais indivíduos. Caçar em grupos é uma característica especial dos mamíferos e exige alto grau de colaboração e inteligência. Os lobos andam em alcateias e conseguem abater vítimas ágeis e astutas, até mais fortes que eles. Os lobos percorrem longas distâncias em fila indiana, até verem um alce; então, espalham-se contra o vento e ficam imóveis como certos cães de caça. De repente, investem, indo um lobo grande à frente. Se o alce foge, aproxima-se dele tentando morder-lhe a garganta e os flancos. Pode escapar, mas se for atingido num ponto vulnerável morre em poucos momentos. No entanto, em terreno favorável, um alce pode manter os lobos à distância até disistirem. Quando localiza uma manada de renas, a alcateia efectua uma série de arremetidas experimentais, na tentativa de encontrar uma cria que tenha ficado para trás ou um adulto atrasado por coxear. Alguns elementos da alcateia concentram os seus esforços nesse animal, atacando-o por turnos, até a vítima ceder. A aparição de um lobo nem sempre causa pânico imediato, e uma vez morto um dos individuos da manada, esta cessa de fugir. Comparado com a perda de crias em consequência da combinação de vento e frio, o efeito predatório dos lobos sobre os animais menos aptos é insignificante e, do ponto de vista genético, benéfico. Ao perseguirem de preferência as renas debeis, deformados ou doentes, os lobos contribuem para a selecção natural desta espécie.



Doscientos ganaderos exigen en la Junta batidas contra el lobo. El Principado asegura que los daños por ataques de ejemplares de esta especie permanecen estables.

"Doscientos ganaderos exigen en la Junta batidas contra el lobo - El Principado asegura que los daños por ataques de ejemplares de esta especie permanecen estables. Unos doscientos ganaderos del Oriente se manifestaron ayer ante la Junta General para exigir al consejero de Medio Ambiente, Herminio Sastre, que autorice batidas urgentes contra el lobo. El presidente de la asociación ganadera Picos Cuera, Juan Manuel Sánchez, exigió medidas para atajar las pérdidas que los ataques del lobo están causando en los rebaños de Cabrales y controles de población en los que participen los ganaderos afectados. Los manifestantes veinte de los cuales entraron en la Junta habían abandonado poco antes el edificio para mostrar su desacuerdo con Sastre, quien aseguró en su intervención que los daños del lobo «permanecen estables» y negó las tesis del PP, defendidas por Luis Peláez, quien señaló que los lobos se están convirtiendo en «una auténtica plaga» por la incapacidad del Gobierno para tomar medidas. Sastre aseguró que entre 1998 y 2001 se han mantenido las cifras y calificó de «ejemplo para todo el país» el sistema de compensaciones que se aplica en Asturias. Según Sastre, la población de lobos en Asturias se mantiene, entre 120 y 190 animales, tal como refleja el plan del lobo, que inicia su trámite parlamentario. Peláez aseguró que los cazadores ya han advertido de un descenso de jabalíes y venados en zonas altas a causa de la presencia de lobos y que los ganaderos «hablan de plaga de lobos en Somiedo y otros montes asturianos». Las mismas tesis que el PP expresó el portavoz de la URAS, Juan Carlos Guerrero, quien calificó de «graves» los perjuicios. Por su parte, Francisco González Valledor, de IU, terció en la polémica para repartir culpas. Al Gobierno, por «fracasar en la gestión del lobo durante una buena parte de la legislatura», y al PP, por pedir que ahora se considere a los lobos especie cinegética «cuando no lo hizo en su Gobierno». Los perros asilvestrados volvieron a ser objeto de debate. Herminio Sastre atribuyó a perros buena parte de los ataques, «y en algunos casos los propietarios son ganaderos». El Consejero señaló que 1998 se tramitaron 5.983 expedientes por daños de jabalíes, lobos y osos, mientras que la cifra del pasado año fue de 6.000. En 2001 se abonaron compensaciones por valor de 77 millones de pesetas, frente a los 58 de 1998".

Asturias, La Nueva España, 29.Jun.02.



Tiradores profesionales abatirán lobos en Asturias - La caza ha empezado ya en Piloña, Ponga, Cabrales y Onís organizada por la Consejería de Medio Ambiente. Lobos errantes y perros asilvestrados constituyen los principales objetivos.

"Expertos tiradores de la Consejería de Medio Ambiente han comenzado ya la persecución del lobo en los concejos de Piloña, Ponga, Amieva y Onís, presionados por los ganaderos que denuncian la muerte de cientos de ovejas y cabras y organizan manifestaciones de protesta frente a los organismos oficiales. Mientras los ecologistas no cesan de denunciar que buena parte de los daños a los rebaños son producidos por perros asilvestrados, los guardas se afanan en localizar a los que denominan ejemplares «errantes o satélites», aquellos que abandonan su manada en busca de nuevos territorios y que, por el camino, causan estragos en la cabaña ganadera. Localizados por los guardas, serán abatidos de un disparo. La población de lobos en Asturias ha tardado décadas en recuperarse de siglos de batidas, cepos y venenos. En los últimos años, su número ha aumentado sensiblemente. En los montes de la región se han contabilizado ya más de 120 ejemplares. El crecimiento de las manadas les ha llevado a buscar comida en montes cada vez más cercanos a las zonas habitadas. Consecuentemente, los ataques al ganado se han multiplicado y el hombre ha recurrido a la única forma que conoce para controlar esta especie: a balazos. El plan de gestión aprobado por el Principado no incluye al lobo entre las especies protegidas, pero tampoco en las cinegéticas. Bajo esta normativa, los vecinos no podrán realizar batidas, algo que hasta ahora estaba permitido. Sólo los guardas dispararán contra estos animales, previo dictamen de un consejo consultivo en el que estarán representados la Administración, los ganaderos y los

grupos conservacionistas, una solución pionera en España, asegura el director general de Recursos Naturales, Víctor Vázquez. Asturias es la primera región de España en aplicar esta medida, no exenta de polémica. La decisión le ha costado al consejero de Medio Ambiente el sobrenombre del «amigo de los lobos» entre muchos ganaderos de la comarca oriental de Asturias, especialmente entre los que le dedicaron una sonora cencerrada en una de sus comparecencias en el Parlamento asturiano. Otra de las alternativas para reducir la población lobera será la retirada de camadas. Sin embargo, los especialistas evitan recurrir a esta posibilidad. En teoría, los cachorros pueden ser enviados a regiones en las que la especie se encuentra en peligro de extinción, pero la última experiencia resultó un fracaso. La Junta de Extremadura solicitó lobeznos para repoblar sus montes. Nunca se adaptaron y quedaron condenados a vivir en un cercado toda su vida. «Por eso, ahora los especialistas nos aconsejan matarlos», afirma Víctor Vázquez, quien reconoce, sin evitar que suene a lamento, que «nadie tiene interés por tenerlos». El propio director general coincide con los ecologistas en que en las zonas en las que la especie se ha convertido en un conflicto social, la mayor parte de los daños se deben a perros «incontrolados». De éstos, los tiradores contratados por la guardería están dispuestos a no dejar ni uno. Para ellos, esta es una de las mejores formas de proteger a los lobos. Los especialistas afirman que existen zonas del Occidente de la región en las que la presencia de los lobos, agrupados en manadas de más de media docena de ejemplares, pasa casi inadvertida. Matan, sobre todo, jabalíes y algún que otro caballo. La prontitud en el pago de las indemnizaciones calma los ánimos de los ganaderos afectados. Sin embargo, en el Oriente de Asturias, menos ejemplares causan estragos entre las ovejas y han llevado a los ganaderos a convocar manifestaciones contra la Administración. Los pastores exigen la organización de batidas, porque no se fían del interés de los guardas en matar a este símbolo de la fauna ibérica. Los ecologistas denuncian que algunos ganaderos se toman la justicia por su mano y recurren al veneno. La carne impregnada de poderosos tóxicos, como la estricnina, también causa importantes daños a las poblaciones de especies protegidas, como el buitre. En los corrillos de ganaderos, se reconoce en voz baja que más de uno lleva la escopeta al monte cuando sube para ver el ganado. Con los pastores de la montaña asturiana dispuestos a terminar con estos cánidos, el Consejo Superior de Investigaciones Científicas presentó un curioso proyecto que pretendía aplicar en los Picos de Europa y sus inmediaciones. El sistema, experimentado ya en países como Italia, consistía en pagar a pastores profesionales para proteger a los rebaños hasta conseguir que el depredador abandonase el hábito de atacar a las ovejas. Entre los ganaderos, la propuesta que pretendía aplicarse el Parque Nacional de los Picos de Europa fue recibida como una broma. «El lobo mata por placer», asegura el presidente de la asociación ganadera Picos-Cuera, Juan José Fernández. A pesar de todo, la población de lobos ha conseguido mantenerse estable durante la última década, refugiada en las zonas más inaccesibles, oculta de las miras telescópicas de los rifles de largo alcance".



"Por algún motivo, la especie humana nunca se ha distinguido por hacer valer su inteligencia en situaciones de superioridad. En esos momentos, la necesidad de hacer perder la dignidad a quien ya no supone una amenaza para nosotros, para sentirnos totalmente por encima del contrario, es más fuerte que la capacidad de utilizar la razón para darnos cuenta del papel que cada uno cumplimos en la naturaleza".

Pedro Alcántara, in *Fauna Ibérica.Org*.

REGRESSO AO PARQUE DE YELLOWSTONE

Em 1995, 31 lobos cinzentos, capturados no Canadá, foram reintroduzidos em Yellowstone, EUA. Estima-se que a população de lobos, no final de 2003, possa atingir os 300 exemplares.



O Parque de Yellowstone completa 130 anos e volta a ser um orgulho americano, depois de duas décadas de incêndios gigantescos.

Há catorze anos parecia acabado, irremediavelmente mutilado. Afinal, em 1988, um dos maiores incêndios florestais já registados no planeta, assolou metade de toda a sua área e reduziu a carvão 36% de todas as árvores. Ainda assim, Yellowstone resistiu.



Lago Yellowstone (NPS Photo)

Hoje, ao completar 130 anos, o mais antigo parque nacional do mundo confirma a sua surpreendente capacidade de recuperação. Entre os troncos queimados, que dão um aspecto triste a boa parte da paisagem, novos pinheiros entretanto apareceram. E mais: um significativo aumento da vida animal aconteceu desde as catástrofes, pois a massa de material orgânico derivada da copa das árvores incendiadas fertilizou o solo e fez surgir uma vegetação rasteira inédita. Prova de que nem sempre o fogo é o fim da vida. Às vezes é um recomeço, de outro modo.

A importância da recuperação de Yellowstone extrapola as fronteiras americanas. A sua fundação, em 1872, ocorreu numa época em que ecologia e ambiente estavam longe de ser preocupações quotidianas. Mas graças às pressões exercidas pelo naturalista Ferdinand Hayden, do departamento de pesquisas geológicas dos Estados Unidos, Yellowstone inaugurou o conceito de parque nacional.

Até então, a região era conhecida apenas de uns poucos índios e daqueles que buiscavam metais preciosos nas suas terras. Antevendo a degradação que a corrida do ouro traria,

Hayden tratou de arregimentar um pintor e um fotógrafo, figura rara naquela época. As imagens que fizeram dos geisers, quedas d'águas, animais e montanhas, maravilharam os congressistas americanos, que não hesitaram em aprovar o acto de proteção para uma área de 9.000 km², 90% dela no Estado de Wyoming e a restante em Idaho e Montana.



Electric Peak em Yellowstone (NPS Photo)

As atracções de Yellowstone parecem meticulosamente agrupadas pela natureza: existe a área dos geisers, a das cascatas, a do lago, a dos animais. Assim como Norris Basin concentra os geisers mais espetaculares, a região de Mammoth Hot Springs revela as fontes quentes. Lá ficam os "terraços" - mosaicos coloridos moldados pela água quente que brota do solo. Algas microscópicas e minerais trazidos das entranhas da Terra criam reflexos que podem ir do laranja ao azul, dependendo da posição do Sol e da profundidade do trecho do terraço.

A revitalização da floresta e o aumento significativo da vegetação rasteira, depois dos grandes incêndios, têm feito essa fauna aumentar sensivelmente. Com um pouco de sorte, é possível avistar num mesmo dia coiotes, lobos, alces, ursos, bisontes, leões da montanha, lincos, esquilos, antílopes, pelicanos, cisnes, águias-pescadoras e outras aves.



Manada de bisontes em Yellowstone (NPS Photo)

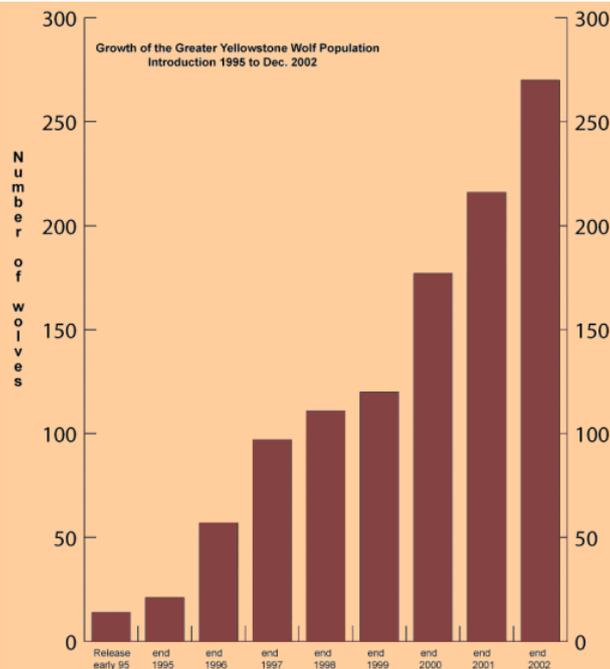
E mais: Yellowstone é o único lugar do mundo onde bisontes sobrevivem livremente desde a pré-história. O animal, que quase foi extinto no início do século XX, encontrou no parque o seu mais importante santuário. Actualmente, existem mais de 1.500 bisontes em Yellowstone.

Outras espécie ameaçada que encontrou refúgio no parque de Yellowstone foi o lobo cinzento. O animal desapareceu da região em 1922, depois de uma série de caçadas endossadas pelo governo, que o considerava uma ameaça à fauna em geral. Só em 1995 o erro foi corrigido, com a reintrodução de 31 lobos importados do Canadá. A operação resultou e, em finais de 2002, cerca de 270 lobos habitam as florestas e montanhas do parque.



Lobo ao ser libertado em Yellowstone, 1995 (NPS Photo)

A região do Lamar Valley, na porção nordeste de Yellowstone, é actualmente o melhor lugar em todo o território dos EUA para se observar os lobos no seu habitat natural.

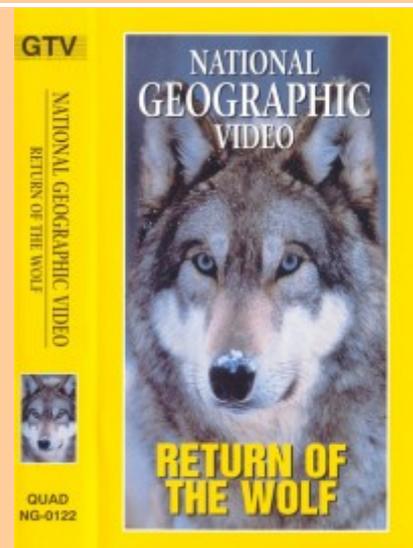


Fonte: Revista "Os Caminhos da Terra", BR.
Fotografias: National Park Service, EUA.



"RETURN OF THE WOLF", NATIONAL GEOGRAPHIC (video)

Magnífico documentário sobre a reintrodução de lobos no Parque Natural de Yellowstone, situado na floresta do estado de Wyoming, donde haviam sido expulsos há 60 anos. Os lobos foram capturados no Canadá e, em Março de 1995, libertados nos EUA, no âmbito de um programa de reintrodução inicialmente polémico mas bem sucedido. Esta produção, com a qualidade National Geographic, orientada pelo biólogo Doug Smith, documenta a vida dos lobos da alcateia dos Druidas, do vale Lammar, ao longo de 2 anos, e inclui dramáticas cenas de caça, as relações familiares e conflitos das alcateias, a defesa incondicional dos lobachos, bem como a luta pela sobrevivência no inverno. Também inclui um "ritual" nunca antes capturado em filme: um macho disperso aproxima-se dos Druidas, que perderam o seu lobo alfa. O grupo testa o intruso durante seis horas, até à aceitação do forasteiro na alcateia com novo lobo alfa. A comemoração pela chegada do novo membro é jubilada por todos com correrias e demonstrações de afecto resplandecentes de vida e felicidade.

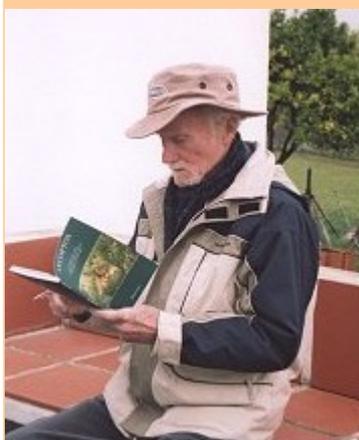


"Return of the Wolf", National Geographic, ASIN: B00004WZVC.

"LYCOPTOS", DE ROBERT LYLE (livro)

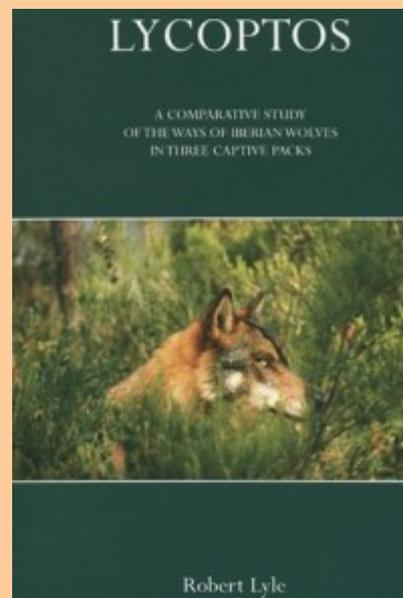
Por um dos fundadores do CRLI, histórias das aventuras e desventuras dos primeiros lobos do CRLI

Publicado pela Wolf Society of Great Britain, *Lycoptos* é um estudo que descreve e compara as vivências e comportamentos, ao longo de 12 anos de observações, de três alcateias de lobos ibéricos no cativeiro da Malveira. Apresenta uma visão alternativa às teorias científicas tradicionais do comportamento dos lobos, que o autor acredita serem rígidas e inadequadas para abranger a riqueza e variedade de comportamentos que testemunhou durante a sua longa associação com os lobos ibéricos. Livro de interesse para estudantes e professores de etologia, e também útil para estudantes de biologia e zoologia, assim como para responsáveis pela gestão de animais em cativeiro. Uma reflexão profunda acerca do percurso na Terra dos animais humanos e não-humanos.



(*) – O Sr. Robert Lyle nasceu em 1920 em Uppingham, Rutland, Inglaterra. Estudou composição no Royal College of Music antes de ingressar no exército em 1940, tendo depois prestado serviço no Cairo e no norte de África. Após a I Guerra, dedicou-se ao jornalismo. Aderiu à associação espiritual Subud em 1960, tendo-se mudado para Itália. As suas publicações incluem 'Mistral' (C.U.P. 1953 e Aliscamps, Paris 1994), 'Subud' (SPI, 1973) e 'A Way Through The World' (Altamira, Holanda). Robert mudou-se para Portugal em 1963, onde começou a estudar os lobos em 1983, e fundou o CRLI – Centro de Recuperação do Lobo Ibérico em 1989,

tendo-se reformado como director em 1996. Publicou 'Lycoptos' bem como numerosos artigos sobre lobos. Com mais de 80 anos de idade, o Sr. Lyle vive hoje num lar de terceira idade no Alentejo.



"Lycoptos: A Comparative Study of the Ways of Iberian Wolves in Three Captive Packs", de Robert Lyle (Fev.2001), ISBN: 0953473511.



VIDEO-CD SOBRE O LOBO IBÉRICO

Documentário sobre o lobo ibérico, filmado no CRLI

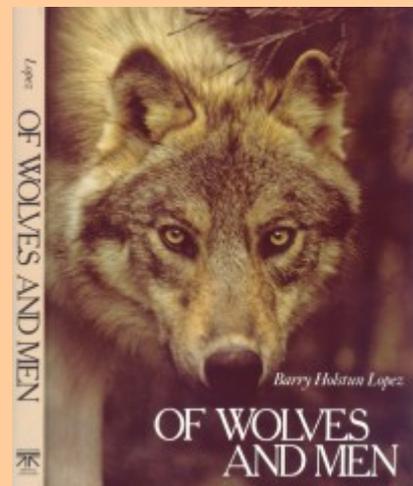
O documentário *"IN CARE OF NATURE: WOLVES"* (25 min.), filmado no CRLI no início dos anos 90, foi produzido pela Marathon (França) em associação com o Discovery Channel. Apresentado e co-narrado pelo Sr. Robert Lyle, fundador do CRLI e do Grupo Lobo, e também profundo conhecedor do lobo ibérico, foca os pontos-chave relativos à desmistificação e à caracterização da personalidade do lobo ibérico. Com especial interesse é o momento em que se demonstra, de forma inequívoca, que mesmo um animal selvagem como o lobo, quando tratado com amor e respeito, pode ser dócil e sociável para com os humanos. O vídeo pode ser encomendado através da loja on-line VideoCDs.com (Malásia). O seu visionamento deverá ser feito num leitor de DVD com suporte VCD ou em computador.

Edição: Marathon (1993), em associação com o Discovery Channel; Realização: Antoine Lassaigue; Produção: Olivier Bremond e Pascal Breton. Formato VCD (norma: NTSC; imagem: MPEG-1 352x240 29,97fps CBR 1150kbps; som: 44100Hz 224kbps). Língua: inglesa, sem legendagem. Duração: 25 minutos.



"OF WOLVES AND MEN", DE BARRY LOPEZ (livro)

Ensaio cuidado, profundamente humanista e poético, disserta sobre as relações entre lobos e humanos ao longo dos séculos e da forma como o lobo se tornou numa figura central da nossa forma de pensar os animais. Com base numa longa experiência pessoal e também em extensa análise bibliográfica, o autor, Barry Lopez, argumenta sobre a necessidade dos lobos no nosso mundo e explica porque seria muito mais pobre sem os seus uivos. O livro descreve as origens do lobo, a sua estrutura social, a territorialidade e modos de comunicação, a muito interessante etnografia das tribos caçadoras (esquimós, índios americanos, etc.) e suas similitudes com as técnicas de caça dos lobos, a relação histórica de perseguição homem-lobo nos EUA (que classifica como um pogrom americano), bem como abrange toda a mitologia medieval e moderna associada ao lobo, trazendo luz sobre ideias obscuras que os imaginários fabricaram ao longo dos séculos. Graças à influência deste livro, inicialmente publicado em 1978, que se pode classificar, no mínimo, de brilhante, sabemos hoje muito mais acerca do lobo e sobre como assegurar a sua protecção.



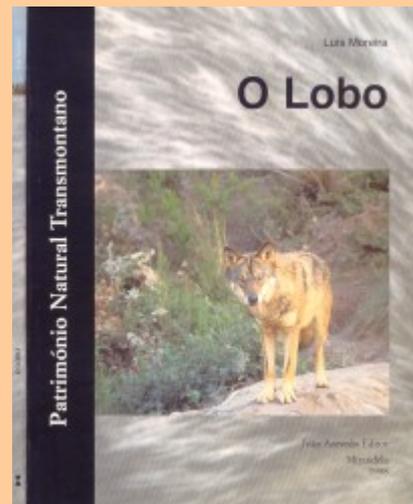
"Of Wolves and Men", de Barry Lopez (Fev.1982), ISBN: 0684163225.

"O LOBO", DE LUIS MOREIRA (livro)

Começa assim o livro O LOBO, de Luis Moreira:

"Atrás das estrelas, que começavam a acender-se à medida que nos afastávamos da cidade, saímos, por volta das duas, aconchegadas pela noite cálida e serena. Seguimos em direcção ao estradão dos Lobos, junto ao vale do rio de Onor, banhado, aqui e ali, pelo luar. A aragem da noite é surpreendentemente cheirosa e, no silêncio do restolho, vislumbramos qualquer coisa a brilhar que, de rompante, se atravessa no caminho. É uma cerva e a sua cria que se esquivam de novo para a escuridão dos csatanheiros. Chegadas ao local de criação tentámos, sem sucesso, obter sinal do lobo Julião, equipado com a coleira rádio-transmissora. Com uma gargalhada contida e as mãos em concha ao redor dos lábios, emitimos um estridente e agudo "auuuu" e, de repente, atrás do vento, a alcateia, a uivos, envia-nos um calafrio de encantamento, espinha abaixo."

Livro interessante e bem estruturado (possivelmente o único livro científico sobre os lobos publicado em Portugal), inserido numa colecção acerca do Património Natural Transmontano, aborda com rigor e conhecimento os aspectos relacionados com as alcateias, o uso do espaço, as actividades, a reprodução e a alimentação, bem como descreve os lobos do Nordeste de Trás-os-Montes, último refúgio destes canídeos selvagens em Portugal. Ricamente ilustrado por dezenas de fotografias do autor, conclui alertando para a necessidade (e dificuldade) da conservação dos grandes predadores como o lobo, a qual, em virtude da pressão humana, passa, fundamentalmente, pela criação de mecanismos eficazes para diminuir a conflitualidade ocasionada pelos ataques aos rebanhos domésticos.



"**O Lobo**", de Luis Moreira, Património Natural Transmontano, João Azevedo Editor (Mirandela, 1998), ISBN: 972-9001-25-1.